

The gift of Magi, de O. Henry¹

Tradução de Cristiane Bezerra do Nascimento²
Universidade Federal de Santa Catarina

Natália Elisa Lorensetti Pastore³
Universidade Federal de Santa Catarina

O. Henry é o pseudônimo do famoso contista americano William Sydney Porter, nascido no ano de 1862 na Carolina do Norte, Estados Unidos da América, e falecido em 1910. Suas histórias, datadas do século XIX e XX, contém críticas sociais, cujos personagens foram inspirados em pessoas da convivência do autor. Teve grande parte de sua inspiração na cidade de Nova Iorque, onde viveu os últimos anos de vida, uma vez que as avenidas, botecos e praças emolduraram a vida cotidiana presente em seus contos.

A escolha do conto foi feita primeiramente por se tratar de um texto que se encontra em domínio público, e por O. Henry ser pouco conhecido no Brasil. O tema relembra contos infantis, uma vez que traz uma moral subjetiva. *The gift of Magi* – aqui traduzido como “O presente dos Magos” – foi publicado pela primeira vez em dezembro de 1905, no jornal *The New York Sunday World*, e no ano seguinte, foi republicado na antologia do autor, *The Four Million*. A história trata de um jovem casal e suas dificuldades financeiras para comprar seus presentes natalinos. A moral da história discute o ato de presentear, e seu final é considerado, de certo modo, irônico. O conto se tornou popular para adaptações, sendo até mesmo lido em rádios, especialmente na época do Natal.

O projeto tradutório buscou trazer para o público leitor – através de uma leitura agradável – a reflexão sobre o ato de trocar presentes em datas especiais. Em relação ao público-alvo pretendido, levamos em consideração tanto jovens quanto adultos que buscam conhecer o universo do escritor O. Henry. Assim, não foram utilizadas notas tradutórias com intuito explicativo. Buscou-se, na medida do possível, manter a essência

¹ Original disponível em: http://webhome.auburn.edu/~vestmon/Gift_of_the_Magi.html. Acessado em 29 de agosto de 2019.

² Mestranda no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) - UFSC. E-mail: cristianebz@gmail.com.

³ Mestranda no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) - UFSC. E-mail: natalia.e.pastore@gmail.com

estadunidense do conto, como os nomes dos personagens e termos como “dólar”, como forma de evidenciar o estrangeiro e dar visibilidade às tradutoras, seguindo a proposta de estrangeirização de Venuti. Assim, esperamos que o leitor aprecie o conto, as escolhas tradutórias, e desejamos uma boa leitura.

O Presente dos Magos

Um dólar e oitenta e sete centavos. Era tudo. E sessenta centavos foram em moedas. As moedas eram economizadas uma por uma, através de negociações com o dono do mercadinho, com o rapaz que vendia verduras e o açougueiro, até as bochechas queimarem com a imputação silenciosa da economia que tal negociação lhe implicava. Della contou três vezes o dinheiro. Um dólar e oitenta e sete centavos. E no dia seguinte seria Natal.

Não havia nada para fazer, apenas se jogar no sofá velho e surrado e chorar. Então, foi o que Della fez. O que incita a reflexão moralizante de que a vida é composta de soluções, fungadas e sorrisos. Predominando as fungadas.

Enquanto a dona da casa está passando gradualmente do primeiro estágio para o segundo, dê uma olhada na casa. Um apartamento mobiliado, custando oito dólares por semana. Não era exatamente caracterizado como de um pedinte, mas certamente tinha aquele ar que poderia classificar como pobreza.

No vestíbulo, embaixo, havia uma caixa de correio na qual não chegava nenhuma carta, e uma campainha no qual nenhum dedo mortal seria capaz de apertar. Também havia um cartão com o nome "Sr. James Dillingham Young".

O "Dillingham" foi jogado ao vento durante um período anterior, de prosperidade, quando 30 dólares eram pagos por semana ao seu titular. Agora, quando a renda foi encolhida para 20 dólares, eles estavam pensando seriamente em contratar um modesto e desprezioso "D." Contudo, quando o Sr. James Dillingham Young chegava em casa e subia para seu apartamento, ele era chamado de "Jim" e era carinhosamente abraçado pela Sra. James Dillingham Young, que já lhes foi apresentada como Della. O que é muito bom.

Della parou de chorar e retocou o rosto com pó. Ficou de pé junto à janela e olhou para um gato cinzento, andando numa cerca cinzenta, num quintal cinzento. Amanhã seria

o dia de Natal, e ela tinha apenas um dólar e oitenta e sete centavos para gastar no presente de Jim. Estava economizando cada centavo que podia durante meses e este foi o resultado. Com 20 dólares por semana não se faz muito. As despesas tinham sido maiores do que havia calculado. Sempre são. Apenas um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. O seu Jim. Foram muitas as horas que gastou planejando algo bom para ele. Algo sofisticado, raro e valioso – algo com o mínimo de dignidade e honra para pertencer a Jim.

Havia um espelho de parede entre as janelas do quarto. Talvez já tenha visto um espelho de parede em um apartamento de oito dólares. Uma pessoa muito magra e ágil, observando seu reflexo em uma rápida sequência de faixas longitudinais, desenvolveria uma consciência bastante precisa de sua aparência. Della, sendo magra, tinha dominado a arte.

De repente, ela se afastou da janela e ficou diante do vidro. Seus olhos brilhavam e reluziam, mas seu rosto tinha perdido a cor em vinte segundos. Rapidamente ela soltou o cabelo e o deixou cair em todo seu comprimento.

Havia duas poses que os James Dillingham Youngs se orgulhavam muito. Um era o relógio de ouro de Jim, que pertenceu a seu pai e a seu avô. O outro era o cabelo de Della. Se a rainha de Sabá morasse no apartamento do prédio ao lado, Della algum dia teria deixado os cabelos pendurados pela janela para secar, apenas para depreciar as joias e os presentes de Sua Majestade. Se o rei Salomão fosse o zelador, com todos os seus tesouros empilhados no porão, Jim teria exibido o relógio toda vez que passasse, só para vê-lo arrancar a barba de inveja.

Neste momento, o lindo cabelo de Della caiu sobre ela, ondulando e brilhando como uma cascata de águas castanhas. Tocaram abaixo de seu joelho, se moldando quase como uma vestimenta. E então ela fez isso de novo, nervosa e rapidamente. Em determinado momento, hesitou um minuto e ficou imóvel, enquanto uma lágrima ou duas pingavam no desgastado tapete vermelho.

Vestiu o velho casaco marrom e colocou seu velho chapéu marrom. Com um turbilhão de saias e ainda com aquela faísca nos olhos, voou pela porta e escadas abaixo até a rua. Onde ela parou diante de um cartaz: “Madame Sofronie. Cabelos bonitos de todos os tipos”. Subiu rapidamente, e se recompôs ofegante. Madame, grande, muito branca, fria, dificilmente parecia "Sofronie".

"Compra meu cabelo?" – perguntou Della.

"Eu compro cabelo", disse Madame. "Tire seu chapéu e vamos ver o que temos".

Soltou a cascata castanha.

"Vinte dólares", disse Madame, segurando o cabelo com uma mão experiente.

"Dê-me depressa" – disse Della.

Ah, e as próximas duas horas passaram voando. Esqueça a metáfora. Ela revirou as lojas procurando o presente de Jim.

E, finalmente, encontrou. Certamente tinha sido feito para Jim e ninguém mais. Não havia outro como ele em nenhuma das lojas, e havia revirado todas, de dentro para fora.

Era uma corrente de relógio feita de platina, simples e com um design refinado, definindo seu valor pela substância em si e não por ornamentação exagerada – como todas as coisas boas deveriam ser. Era digna do Relógio. Assim que o viu, sabia que deveria pertencer a Jim. Era como ele. Silencioso e de valor – a descrição se aplicava a ambos. Vinte e um dólares custou a ela pela corrente, e se apressou para casa com 87 centavos. Com aquela corrente em seu relógio, Jim poderia ansiar pelas horas em qualquer empresa. Valioso como era, às vezes olhava o relógio na velha pulseira de couro, que usava no lugar de uma corrente.

Quando Della chegou em casa, seu incômodo deu lugar à prudência e à razão. Ela tirou o modelador de cachos, diminuiu o gás do fogão e foi trabalhar para reparar os estragos causados pela generosidade interligada ao amor. O que é sempre uma tremenda tarefa, queridos amigos - uma tarefa gigantesca.

Dentro de quarenta minutos, sua cabeça estava coberta de minúsculos cachinhos que a fazia parecer, de modo maravilhoso, um garoto de colegial que mata aulas. Ela olhou para seu reflexo no espelho por muito tempo, de forma cuidadosa e crítica.

"Se Jim não me matar antes que me dê uma segunda olhada," disse a si mesma, "dirá que pareço uma corista de Coney Island. Mas, ah! O que eu poderia fazer com um dólar e oitenta e sete centavos?"

Às 7 horas, o café foi feito e a frigideira estava na boca de trás do fogão, quente e pronta para cozinhar as costeletas.

Jim nunca se atrasava. Della enrolou a corrente do relógio em sua mão e sentou no canto da mesa, perto da porta pela qual ele sempre entrava. Então ouviu seus passos já no início da escadaria, e empalideceu por um momento. Ela tinha o hábito de fazer uma silenciosa oração sobre as pequenas coisas do dia e agora sussurrava: "Deus, por favor, faça-o pensar que ainda sou bonita".

A porta se abriu, Jim entrou e a fechou. Ele parecia magro e muito sério. Pobre rapaz, tinha apenas vinte e dois anos – e estar sobrecarregado com uma família! Estava sem luvas e precisava de um sobretudo novo.

Jim parou na porta, tão imóvel quanto um cão de caça. Seus olhos estavam fixos em Della e havia neles uma expressão que ela não conseguia ler, que a aterrorizou. Não era raiva, surpresa, reprovação, horror ou qualquer sentimento que ela vinha se preparando. Ele apenas a encarou fixamente com aquela expressão peculiar em seu rosto.

Della se afastou da mesa e foi até ele.

"Jim, querido" – choramingou, "não me olhe desse jeito. Precisei cortar e vender meu cabelo, porque não sobreviveria ao Natal sem poder te dar um presente. Vai crescer novamente. Você não vai se importar... vai? Eu tive que fazê-lo! Meu cabelo cresce muito rápido. Diga 'Feliz Natal!' Jim, vamos ser felizes. Você não sabe quão bonito – o quão lindo é o presente que tenho para você."

"Você cortou seu cabelo?" Perguntou Jim, de forma áspera, como se não tivesse chegado a esse fato, mesmo após um grande esforço mental.

"Cortei e vendi", disse Della, "Você não gosta mais de mim da mesma maneira? Eu sou a mesma sem os cabelos, não sou?".

Jim olhou ao redor da sala curiosamente. "Você está dizendo que seu cabelo se foi?" Disse, com um ar quase que idiota.

"Não precisa procurar por ele" – disse Della. "Foi vendido, eu te disse, se foi. É véspera de Natal. Seja bom comigo, porque isto foi por você. Talvez meus fios de cabelo

foram contados", continuou com uma súbita doçura, "Mas ninguém poderia contar o meu amor por você. Devo colocar as costeletas, Jim?".

Fora de seu transe, Jim pareceu acordar rapidamente. Abraçou sua Della. Por dez segundos, vamos analisar discretamente um objeto inconsequente na outra direção. Oito dólares por semana ou um milhão por ano – qual é a diferença? Um matemático ou um cientista te daria uma resposta errada. Os magos trouxeram presentes valiosos, mas isso não estava entre eles. Esta afirmação obscura será iluminada logo mais.

Jim tirou um pacote do bolso do sobretudo e jogou-o sobre a mesa.

"Não pense nada errado sobre mim, Dell" disse, "Não acho que tenha nada em um corte de cabelo, em raspar ele, ou em um shampoo que poderia me fazer gostar menos da minha garota, mas se abrir este pacote, irá ver porque fiquei perplexo por um momento".

Dedos brancos e ágeis rasgaram a fita e o papel. E então um grito surpreso de alegria; Nossa! Uma rápida mudança para lágrimas e lamentos histéricos que exigia o uso imediato de todas as forças reconfortantes do dono do apartamento.

Ali estavam Os Pentes. Um conjunto de pentes que Della desejava há muito tempo em uma vitrina da Broadway. Maravilhosos pentes feitos de casco de tartaruga e enfeites de joias – era a tonalidade ideal para usar no cabelo que se foi. Eles eram pentes caros, ela sabia, e seu coração simplesmente desejava e ansiava por eles sem a menor esperança de tê-los. E, agora, eram dela, mas as tranças que deveriam ser adornadas pelos enfeites se foram. Mas ela os levou ao peito, e por fim foi capaz de levantar o olhar, sorrir e dizer: "Meu cabelo cresce tão rápido, Jim!"

Então Della saltitou como um gatinho e disse "Ah!"

Jim ainda não tinha visto seu lindo presente. Ansiosamente, ela estendeu sua mão com a palma aberta. O metal precioso e opaco parecia reluzir com o reflexo de seu espírito, brilhante e ardente.

"Não é elegante, Jim? Revirei a cidade inteira para encontrá-lo. Agora você terá que olhar a hora cem vezes por dia. Dê-me o seu relógio. Quero ver como fica nele". Ao invés de obedecer, Jim sentou no sofá, colocou suas mãos atrás da cabeça e sorriu.

"Dell," disse, "vamos guardar nossos presentes de Natal e deixá-los de lado por um tempo. Eles são muito agradáveis para serem usados no momento. Eu vendi o relógio para ter dinheiro para comprar seus pentes. Agora, suponho que você tem que servir as costeletas".

Os Reis Magos, como sabem, eram homens sábios – maravilhosamente sábios – que trouxeram presentes para o bebê que estava em uma manjedoura. Eles inventaram a arte de dar presentes de Natal. Sendo sábios, seus presentes eram, sem dúvida, inteligentes, possivelmente tendo o privilégio de troca em caso de repetição. E, aqui, relatei a crônica de duas crianças bobas que moravam em um apartamento e que, de forma imprudente, sacrificaram os maiores tesouros da casa, um pelo outro. Mas uma última palavra para os sábios dos dias de hoje, é de que de todos os que dão presentes, esses dois foram os mais sábios. De todos os que dão e recebem presentes, os que fazem como eles são os mais sábios. Em todo lugar são os mais sábios. Eles são os Reis Magos.

The gift of Magi

One dollar and eighty-seven cents. That was all. And sixty cents of it was in pennies. Pennies saved one and two at a time by bulldozing the grocer and the vegetable man and the butcher until one's cheeks burned with the silent imputation of parsimony that such close dealing implied. Three times Della counted it. One dollar and eighty-seven cents. And the next day would be Christmas.

There was clearly nothing to do but flop down on the shabby little couch and howl. So Della did it. Which instigates the moral reflection that life is made up of sobs, sniffles, and smiles, with sniffles predominating.

While the mistress of the home is gradually subsiding from the first stage to the second, take a look at the home. A furnished flat at \$8 per week. It did not exactly beggar description, but it certainly had that word on the lookout for the mendicancy squad.

In the vestibule below was a letter-box into which no letter would go, and an electric button from which no mortal finger could coax a ring. Also appertaining thereunto was a card bearing the name "Mr. James Dillingham Young."

The "Dillingham" had been flung to the breeze during a former period of prosperity when its possessor was being paid \$30 per week. Now, when the income was shrunk to \$20, though, they were thinking seriously of contracting to a modest and unassuming D. But whenever Mr. James Dillingham Young came home and reached his flat above he was called "Jim" and greatly hugged by Mrs. James Dillingham Young, already introduced to you as Della. Which is all very good.

Della finished her cry and attended to her cheeks with the powder rag. She stood by the window and looked out dully at a gray cat walking a gray fence in a gray backyard. Tomorrow would be Christmas Day, and she had only \$1.87 with which to buy Jim a present. She had been saving every penny she could for months, with this result. Twenty dollars a week doesn't go far. Expenses had been greater than she had calculated. They always are. Only \$1.87 to buy a present for Jim. Her Jim. Many a happy hour she had spent planning for something nice for him. Something fine and rare and sterling- -something just a little bit near to being worthy of the honor of being owned by Jim.

There was a pier-glass between the windows of the room. Perhaps you have seen a pier-glass in an \$8 flat. A very thin and very agile person may, by observing his reflection in a rapid sequence of longitudinal strips, obtain a fairly accurate conception of his looks. Della, being slender, had mastered the art.

Suddenly she whirled from the window and stood before the glass. her eyes were shining brilliantly, but her face had lost its color within twenty seconds. Rapidly she pulled down her hair and let it fall to its full length.

Now, there were two possessions of the James Dillingham Youngs in which they both took a mighty pride. One was Jim's gold watch that had been his father's and his grandfather's. The other was Della's hair. Had the queen of Sheba lived in the flat across the airshaft, Della would have let her hair hang out the window some day to dry just to depreciate Her Majesty's jewels and gifts. Had King Solomon been the janitor, with all his treasures piled up in the basement, Jim would have pulled out his watch every time he passed, just to see him pluck at his beard from envy.

So now Della's beautiful hair fell about her rippling and shining like a cascade of brown waters. It reached below her knee and made itself almost a garment for her. And

then she did it up again nervously and quickly. Once she faltered for a minute and stood still while a tear or two splashed on the worn red carpet.

On went her old brown jacket; on went her old brown hat. With a whirl of skirts and with the brilliant sparkle still in her eyes, she fluttered out the door and down the stairs to the street.

Where she stopped the sign read: "Mne. Sofronie. Hair Goods of All Kinds." One flight up Della ran, and collected herself, panting. Madame, large, too white, chilly, hardly looked the "Sofronie."

"Will you buy my hair?" asked Della.

"I buy hair," said Madame. "Take yer hat off and let's have a sight at the looks of it."

Down rippled the brown cascade.

"Twenty dollars," said Madame, lifting the mass with a practised hand.

"Give it to me quick," said Della.

Oh, and the next two hours tripped by on rosy wings. Forget the hashed metaphor. She was ransacking the stores for Jim's present.

She found it at last. It surely had been made for Jim and no one else. There was no other like it in any of the stores, and she had turned all of them inside out. It was a platinum fob chain simple and chaste in design, properly proclaiming its value by substance alone and not by meretricious ornamentation--as all good things should do. It was even worthy of The Watch. As soon as she saw it she knew that it must be Jim's. It was like him. Quietness and value--the description applied to both. Twenty-one dollars they took from her for it, and she hurried home with the 87 cents. With that chain on his watch Jim might be properly anxious about the time in any company. Grand as the watch was, he sometimes looked at it on the sly on account of the old leather strap that he used in place of a chain.

When Della reached home her intoxication gave way a little to prudence and reason. She got out her curling irons and lighted the gas and went to work repairing the

ravages made by generosity added to love. Which is always a tremendous task, dear friends--a mammoth task.

Within forty minutes her head was covered with tiny, close-lying curls that made her look wonderfully like a truant schoolboy. She looked at her reflection in the mirror long, carefully, and critically.

"If Jim doesn't kill me," she said to herself, "before he takes a second look at me, he'll say I look like a Coney Island chorus girl. But what could I do--oh! what could I do with a dollar and eighty-seven cents?"

At 7 o'clock the coffee was made and the frying-pan was on the back of the stove hot and ready to cook the chops.

Jim was never late. Della doubled the fob chain in her hand and sat on the corner of the table near the door that he always entered. Then she heard his step on the stair away down on the first flight, and she turned white for just a moment. She had a habit for saying little silent prayer about the simplest everyday things, and now she whispered: "Please God, make him think I am still pretty."

The door opened and Jim stepped in and closed it. He looked thin and very serious. Poor fellow, he was only twenty-two--and to be burdened with a family! He needed a new overcoat and he was without gloves.

Jim stopped inside the door, as immovable as a setter at the scent of quail. His eyes were fixed upon Della, and there was an expression in them that she could not read, and it terrified her. It was not anger, nor surprise, nor disapproval, nor horror, nor any of the sentiments that she had been prepared for. He simply stared at her fixedly with that peculiar expression on his face.

Della wriggled off the table and went for him.

"Jim, darling," she cried, "don't look at me that way. I had my hair cut off and sold because I couldn't have lived through Christmas without giving you a present. It'll grow out again--you won't mind, will you? I just had to do it. My hair grows awfully fast. Say `Merry Christmas!' Jim, and let's be happy. You don't know what a nice-- what a beautiful, nice gift I've got for you."

"You've cut off your hair?" asked Jim, laboriously, as if he had not arrived at that patent fact yet even after the hardest mental labor.

"Cut it off and sold it," said Della. "Don't you like me just as well, anyhow? I'm me without my hair, ain't I?"

Jim looked about the room curiously.

"You say your hair is gone?" he said, with an air almost of idiocy.

"You needn't look for it," said Della. "It's sold, I tell you--sold and gone, too. It's Christmas Eve, boy. Be good to me, for it went for you. Maybe the hairs of my head were numbered," she went on with sudden serious sweetness, "but nobody could ever count my love for you. Shall I put the chops on, Jim?"

Out of his trance Jim seemed quickly to wake. He enfolded his Della. For ten seconds let us regard with discreet scrutiny some inconsequential object in the other direction. Eight dollars a week or a million a year--what is the difference? A mathematician or a wit would give you the wrong answer. The magi brought valuable gifts, but that was not among them. This dark assertion will be illuminated later on.

Jim drew a package from his overcoat pocket and threw it upon the table.

"Don't make any mistake, Dell," he said, "about me. I don't think there's anything in the way of a haircut or a shave or a shampoo that could make me like my girl any less. But if you'll unwrap that package you may see why you had me going a while at first."

White fingers and nimble tore at the string and paper. And then an ecstatic scream of joy; and then, alas! a quick feminine change to hysterical tears and wails, necessitating the immediate employment of all the comforting powers of the lord of the flat.

For there lay The Combs--the set of combs, side and back, that Della had worshipped long in a Broadway window. Beautiful combs, pure tortoise shell, with jewelled rims--just the shade to wear in the beautiful vanished hair. They were expensive combs, she knew, and her heart had simply craved and yearned over them without the least hope of possession. And now, they were hers, but the tresses that should have adorned the coveted adornments were gone.

But she hugged them to her bosom, and at length she was able to look up with dim eyes and a smile and say: "My hair grows so fast, Jim!"

And then Della leaped up like a little singed cat and cried, "Oh, oh!"

Jim had not yet seen his beautiful present. She held it out to him eagerly upon her open palm. The dull precious metal seemed to flash with a reflection of her bright and ardent spirit.

"Isn't it a dandy, Jim? I hunted all over town to find it. You'll have to look at the time a hundred times a day now. Give me your watch. I want to see how it looks on it."

Instead of obeying, Jim tumbled down on the couch and put his hands under the back of his head and smiled.

"Dell," said he, "let's put our Christmas presents away and keep 'em a while. They're too nice to use just at present. I sold the watch to get the money to buy your combs. And now suppose you put the chops on."

The magi, as you know, were wise men--wonderfully wise men--who brought gifts to the Babe in the manger. They invented the art of giving Christmas presents. Being wise, their gifts were no doubt wise ones, possibly bearing the privilege of exchange in case of duplication. And here I have lamely related to you the uneventful chronicle of two foolish children in a flat who most unwisely sacrificed for each other the greatest treasures of their house. But in a last word to the wise of these days let it be said that of all who give gifts these two were the wisest. O all who give and receive gifts, such as they are wisest. Everywhere they are wisest. They are the magi.